
TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Leia o trecho inicial de *Raízes do Brasil*, do historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), para responder à(s) questão(ões) a seguir:

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.

Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e ideias de que somos herdeiros.

É significativa, em primeiro lugar, a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica. A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos. Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, não obstante, mantêm como um patrimônio necessário.

Foi a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos que os dois países entraram mais decididamente no coro europeu. Esse ingresso tardio deveria repercutir intensamente em seus destinos, determinando muitos aspectos peculiares de sua história e de sua formação espiritual. Surgiu, assim, um tipo de sociedade que se desenvolveria, em alguns sentidos, quase à margem das congêneres europeias, e sem delas receber qualquer incitamento que já não trouxesse em germe.

Quais os fundamentos em que assentam de preferência as formas de vida social nessa região indecisa entre a Europa e a África, que se estende dos Pireneus a Gibraltar? Como explicar muitas daquelas formas, sem recorrer a indicações mais ou menos vagas e que jamais nos conduziram a uma estrita objetividade?

Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pireneus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica, uma característica que ela está longe de partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus vizinhos do continente. É que nenhum desses vizinhos soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais. Pode dizer-se, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço, devem os espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional. [...]

É dela que resulta largamente a singular tibieza das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos. Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida.

Raízes do Brasil, 2000.

1. (Unifesp 2017) Em “A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa **se** comunica com os outros mundos.” (3º parágrafo), o pronome destacado refere-se a
- “Europa”.
 - “Rússia e os países balcânicos”.
 - “Espanha e Portugal”.
 - “territórios-ponte”.
 - “mundos”.

2. (Unifesp 2017) Em “É dela que resulta largamente a singular **tibieza** das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos.” (7º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido do texto, por

- a) constância.
- b) firmeza.
- c) estranheza.
- d) combinação.
- e) fraqueza.

3. (Unifesp 2017) Em “Podemos [...] elevar à perfeição o tipo de civilização **que** representamos” (1º parágrafo), o termo em destaque exerce a mesma função sintática do trecho destacado em:

- a) “[...] **todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça** parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.” (1º parágrafo)
- b) “**Esse ingresso tardio** deveria repercutir intensamente em seus destinos [...].” (4º parágrafo)
- c) “[...] somos ainda hoje **uns desterrados em nossa terra.**” (1º parágrafo)
- d) “É significativa, em primeiro lugar, **a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica.**” (3º parágrafo)
- e) “Assim, antes de perguntar **até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa** [...].” (2º parágrafo)

4. (Unifesp 2017) Em “Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, **não obstante**, mantêm como um patrimônio necessário.” (3º parágrafo), a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por

- a) contudo.
- b) além disso.
- c) assim sendo.
- d) portanto.
- e) ainda bem.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o soneto “A uma dama dormindo junto a uma fonte”, do poeta barroco Gregório de Matos (1636-1696), para responder à(s) questão(ões) a seguir:

À margem de uma fonte, que corria,
Lira doce dos pássaros cantores
A bela ocasião das minhas dores
Dormindo estava ao despertar do dia.

Mas como dorme Sílvia, não vestia
O céu seus horizontes de mil cores;
Dominava o silêncio entre as flores,
Calava o mar, e rio não se ouvia.

Não dão o parabém à nova Aurora
Flores canoras, pássaros fragrantas,
Nem seu âmbar respira a rica Flora.

Porém abrindo Sílvia os dois diamantes,
Tudo a Sílvia festeja, tudo adora
Aves cheirosas, flores ressonantes.

Poemas escolhidos, 2010.

5. (Unifesp 2017) Assinale a alternativa em que o trecho do soneto está reescrito em ordem direta, sem alteração do seu sentido original.

- a) “Não dão o parabém à nova Aurora / Flores canoras, pássaros fragrantés” → A nova Aurora não dá o parabém às flores canoras e aos pássaros fragrantés.
b) “Calava o mar, e rio não se ouvia” → O mar se calava e não ouvia o rio.
c) “não vestia / O céu seus horizontes de mil cores” → O céu não vestia seus horizontes de mil cores.
d) “Tudo a Sílvia festeja, tudo adora” → A Sílvia festeja tudo, adora tudo.
e) “A bela ocasião das minhas dores / Dormindo estava ao despertar do dia” → Ao despertar do dia, estava dormindo a bela ocasião de minhas dores.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a fábula “A raposa e o lenhador”, do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.), para responder à(s) questão(ões) a seguir:

Enquanto fugia de caçadores, uma raposa viu um lenhador e lhe pediu que a escondesse. Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana e se ocultasse lá dentro. Não muito tempo depois, vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa passar por ali. Em voz alta ele negou tê-la visto, mas com a mão fez gestos indicando onde ela estava escondida. Entretanto, como eles não prestaram atenção nos seus gestos, deram crédito às suas palavras. Ao constatar que eles já estavam longe, a raposa saiu em silêncio e foi indo embora. E o lenhador se pôs a repreendê-la, pois ela, salva por ele, não lhe dera nem uma palavra de gratidão. A raposa respondeu: “Mas eu seria grata, se os gestos de sua mão fossem condizentes com suas palavras.”

(*Fábulas completas*, 2013.)

6. (Unifesp 2017) Os trechos “Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana” e “vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa” foram construídos em discurso indireto. Ao se transpor tais trechos para o discurso direto, o verbo “entrasse” e a locução verbal “tinha visto” assumem, respectivamente, as seguintes formas:

- a) “entrai” e “vira”.
b) “entrou” e “viu”.
c) “entre” e “vira”.
d) “entre” e “viu”.
e) “entrai” e “viu”.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia o trecho do conto “A igreja do Diabo”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder à(s) questão(ões) a seguir:

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a ¹cogula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

– Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu ²desdouro, fazei dele um troféu e um ³lábano, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma ⁴esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: “Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu”... [...] Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da ⁵venalidade. Um ⁶casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(*Contos: uma antologia*, 1998.)

¹cogula: espécie de túnica larga, sem mangas, usada por certos religiosos.

²desdouro: descrédito, desonra.

³lábano: estandarte, bandeira.

⁴esgalgado: comprido e estreito.

⁵venalidade: condição ou qualidade do que pode ser vendido.

⁶casuísta: pessoa que pratica o casuísmo (argumento fundamentado em raciocínio enganador ou falso).

7. (Unifesp 2017) “Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.” (4º parágrafo)

Os termos em destaque constituem, respectivamente,

- a) um pronome e um artigo.
- b) uma conjunção e um artigo.
- c) um artigo e uma preposição.
- d) um pronome e uma preposição.
- e) um artigo e uma conjunção.

8. (Unifesp 2017) As palavras do texto cujos prefixos traduzem, respectivamente, ideia de repetição e ideia de negação são

- a) “reabilitadas” (4º parágrafo) e “infinitas” (4º parágrafo).
- b) “desmentir” (1º parágrafo) e “indiferentes” (3º parágrafo).
- c) “deslavada” (3º parágrafo) e “preconceito” (6º parágrafo).
- d) “extraordinária” (1º parágrafo) e “desdouro” (2º parágrafo).
- e) “reboava” (1º parágrafo) e “perversas” (5º parágrafo).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder à(s) questão(ões) a seguir, leia o poema “Dissolução”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), que integra o livro *Claro enigma*, publicado originalmente em 1951.

Escurece, e não me seduz
tatear sequer uma lâmpada.
Pois que ¹aprouve ao dia findar,
aceito a noite.

E com ela aceito que brote
uma ordem outra de seres
e coisas não figuradas.
Braços cruzados.

Vazio de quanto amávamos,
mais vasto é o céu. Povoações
surgem do vácuo.
Habito alguma?

E nem destaque minha pele
da confluyente escuridão.
Um fim unânime concentra-se
e pousa no ar. Hesitando.

E aquele agressivo espírito
que o dia ²carreia consigo,
já não oprime. Assim a paz,
destroçada.

Vai durar mil anos, ou
extinguir-se na cor do galo?
Esta rosa é definitiva,
ainda que pobre.

Imaginação, falsa demente,
já te desprezo. E tu, palavra.
No mundo, perene trânsito,
calamo-nos.
E sem alma, corpo, és suave.

(*Claro enigma*, 2012.)

¹ aprazer: causar ou sentir prazer; contentar(-se).

² carrear: carregar.

9. (Unifesp 2017) O pronome “te”, empregado no segundo verso da última estrofe, refere-se a

- a) “imaginação”.
- b) “palavra”.
- c) “rosa”.
- d) “mundo”.
- e) “corpo”.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia o trecho inicial de um artigo do livro *Bilhões e bilhões* do astrônomo e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996) para responder à(s) questão(ões).

O tabuleiro de xadrez persa

Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga. Mas podia ter sido na Índia ou até na China. De qualquer forma, aconteceu há muito tempo. O grão-vizir, o principal conselheiro do rei, tinha inventado um novo jogo. Era jogado com peças móveis sobre um tabuleiro quadrado que consistia em 64 quadrados vermelhos e pretos. A peça mais importante era o rei. A segunda peça mais importante era o grão-vizir – exatamente o que se esperaria de um jogo inventado por um grão-vizir. O objetivo era capturar o rei inimigo e, por isso, o jogo era chamado, em persa, *shahmat* – *shah* para rei, *mat* para morto. Morte ao rei. Em russo, é ainda chamado *shakhmat*. Expressão que talvez transmita um remanescente sentimento revolucionário. Até em inglês, há um eco desse nome – o lance final é chamado *checkmate* (xeque-mate). O jogo, claro, é o xadrez. Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu. Por exemplo, já não existe um grão-vizir – que se metamorfoseou numa rainha, com poderes muito mais terríveis.

A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado “Morte ao rei” é um mistério. Mas reza a história que ele ficou tão encantado que mandou o grão-vizir determinar sua própria recompensa por ter criado uma invenção tão magnífica. O grão-vizir tinha a resposta na ponta da língua: era um homem modesto, disse ao xá. Desejava apenas uma recompensa simples. Apontando as oito colunas e as oito filas de quadrados no tabuleiro que tinha inventado, pediu que lhe fosse dado um único grão de trigo no primeiro quadrado, o dobro dessa quantia no segundo, o dobro *dessa quantia* no terceiro e assim por diante, até que cada quadrado tivesse o seu complemento de trigo. Não, protestou o rei, era uma recompensa demasiado modesta para uma invenção tão importante. Ofereceu joias, dançarinas, palácios. Mas o grão-vizir, com os olhos apropriadamente baixos, recusou todas as ofertas. Só desejava pequenos montes de trigo. Assim, admirando-se secretamente da humildade e comedimento de seu conselheiro, o rei consentiu.

No entanto, quando o mestre do Celeiro Real começou a contar os grãos, o rei se viu diante de uma surpresa desagradável. O número de grãos começa bem pequeno: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512, 1024... mas quando se chega ao 64º quadrado, o número se torna colossal, esmagador. Na realidade, o número é quase 18,5¹ quintilhões. Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.

Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo? Se cada grão tivesse o tamanho de um milímetro, todos os grãos juntos pesariam cerca de 75 bilhões de toneladas métricas, o que é muito mais do que poderia ser armazenado nos celeiros do xá. Na verdade, esse número equivale a cerca de 150 anos da produção de trigo mundial *no presente*. O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós. Se o rei, inadimplente, culpando-se pela falta de atenção nos seus estudos de aritmética, entregou o reino ao vizir, ou se o último experimentou as aflições de um novo jogo chamado *vizirmat*, não temos o privilégio de saber.

¹ 1 quintilhão = 1.000.000.000.000.000 = 10¹⁸. Para se contar esse número a partir de 0 (um número por segundo, dia e noite), seriam necessários 32 bilhões de anos (mais tempo do que a idade do universo).

(Carl Sagan. *Bilhões e bilhões*, 2008. Adaptado.)

10. (Unifesp 2016) Considerado em seu contexto, o trecho “A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado ‘Morte ao rei’ é um mistério.” (2º parágrafo) sugere que

- a) o caráter misterioso das regras do xadrez decorre de sua ligação com a esfera política.
- b) a satisfação do rei com um jogo que visa sua morte é algo difícil de ser explicado.
- c) a alusão à morte presente no nome do jogo não foi compreendida pelo rei.
- d) as origens do jogo de xadrez ainda precisam ser esclarecidas.
- e) o próprio rei parecia desconhecer o funcionamento do jogo de xadrez.

11. (Unifesp 2016) O trecho “era um homem modesto, disse ao xá” (2º parágrafo) foi construído em discurso indireto. Ao se adaptar tal trecho para o discurso direto, o verbo “era” assume a seguinte forma:

- a) serei.
- b) fui.
- c) seria.
- d) fosse.
- e) sou.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia o excerto do “Sermão de Santo Antônio aos peixes” de Antônio Vieira (1608-1697) para responder à(s) quest(ões).

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer. [...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo se devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comerem, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comerem é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

12. (Unifesp 2016) “Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe” (2º parágrafo)

Reescrito em ordem direta, tal trecho assume a seguinte forma:

- a) Deus diz que os homens, senão declaradamente a sua plebe, comem não só o seu povo.
- b) Diz Deus que os homens comem não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe.
- c) Deus diz que os homens comem não só o seu povo, senão a sua plebe declaradamente.
- d) Os homens comem não só o seu povo, senão a sua plebe declaradamente, diz Deus.
- e) Os homens comem não só o seu povo, diz Deus, senão declaradamente a sua plebe.

13. (Unifesp 2016) “Santo Agostinho, que pregava aos homens, **para** encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, **para** que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens.” (1º parágrafo)

Nas duas ocorrências, o termo “para” estabelece relação de

- a) consequência.
- b) conformidade.
- c) proporção.
- d) finalidade.
- e) causa.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir focalizam uma passagem da comédia *O juiz de paz da roça* do escritor Martins Pena (1815-1848).

JUIZ (*assentando-se*): Sr. Escrivão, leia o outro requerimento.

ESCRIVÃO (*lendo*): Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. “Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V. Sa. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher”.

JUIZ: É verdade que o senhor tem o filho da égua preso?

JOSÉ DA SILVA: É verdade; porém o filho me pertence, pois é meu, que é do cavalo.

JUIZ: Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSÉ DA SILVA: Mas, Sr. Juiz...

JUIZ: Nem mais nem meios mais; entregue o filho, senão, cadeia.

(Martins Pena. *Comédias (1833-1844)*, 2007.)

14. (Unifesp 2016) O emprego das aspas no interior da fala do escrivão indica que tal trecho

- a) reproduz a solicitação de Francisco Antônio.
- b) recorre a jargão próprio da área jurídica.
- c) reproduz a fala da mulher de Francisco Antônio.
- d) é desacreditado pelo próprio escrivão.
- e) deve ser interpretado em chave irônica.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Leia o excerto da crônica “Mineirinho” de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor* em 1962, para responder à(s) questão(ões).

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um ¹facínora. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram ²Mineirinho do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar trair sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irredutíveis, mas revolta irredutível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo.

A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingava. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu”. Respondi-lhe que “mais do que muita gente que não matou”.

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais – vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. *Para não esquecer*, 1999.)

¹facinora: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

²Mineirinho: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acuado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

15. (Unifesp 2016) “O décimo terceiro tiro me assassina — **porque eu sou o outro.**” (3º parágrafo)

Em relação à oração que a precede, a oração destacada tem sentido de

- a) consequência.
- b) conclusão.
- c) alternância.
- d) causa.
- e) finalidade.

16. (Unifesp 2016) Em “Perguntei **a** minha cozinheira o que pensava sobre o assunto” (1º parágrafo), o termo em destaque constitui

- a) um pronome.
- b) uma conjunção.
- c) um advérbio.
- d) um artigo.
- e) uma preposição.

17. (Unifesp 2016) “Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais – vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem acuado, que **a esse não nos** matem.” (4º parágrafo)

Os termos “a esse” e “nos” constituem, respectivamente,

- a) objeto indireto e objeto direto.
- b) objeto indireto e objeto indireto.
- c) objeto direto preposicionado e objeto direto.
- d) objeto direto preposicionado e objeto indireto.
- e) objeto direto e objeto indireto.

18. (Unifesp 2015) Analise a capa de um folder de uma campanha de trânsito.



Explicitando-se os complementos dos verbos em “Eu cuido, eu respeito.”, obtém-se, em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa:

- a) Eu a cuido, eu respeito-lhe.
- b) Eu cuido dela, eu lhe respeito.
- c) Eu cuido dela, eu a respeito.
- d) Eu lhe cuido e respeito.
- e) Eu cuido e respeito-a.

19. (Unifesp 2015)



Ciência explica _____.

Testes mostram que _____ de Leonardo da Vinci está sumindo.

(www.uol.com.br, 05.06.2014. Adaptado.)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa e com o Novo Acordo Ortográfico, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com:

- a) por que – auto-retrato.
- b) porque – auto-retrato.
- c) porquê – autorretrato.
- d) por que – auto retrato.
- e) por quê – autorretrato.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder a(s) questão(ões).

A palavra falada é um fenômeno natural; a palavra escrita é um fenômeno cultural. O homem natural pode viver perfeitamente sem ler nem escrever. Não o pode o homem a que chamamos civilizado: por isso, como disse, a palavra escrita é um fenômeno cultural, não da natureza mas da civilização, da qual a cultura é a essência e o esteio.

Pertencendo, pois, a mundos (mentais) essencialmente diferentes, os dois tipos de palavra obedecem forçosamente a leis ou regras essencialmente diferentes. A palavra falada é um caso, por assim dizer, democrático. Ao falar, temos que obedecer à lei do maior número, sob pena de ou não sermos compreendidos ou sermos inutilmente ridículos. Se a maioria pronuncia mal uma palavra, temos que a pronunciar mal. Se a maioria usa de uma construção gramatical errada, da mesma construção teremos que usar. Se a maioria caiu em usar estrangeirismos ou outras irregularidades verbais, assim temos que fazer. Os termos ou expressões que na linguagem escrita são justos, e até obrigatórios, tornam-se em estupidez e pedantaria, se deles fazemos uso no trato verbal. Tornam-se até em má-criação, pois o preceito fundamental da civilidade é que nos conformemos o mais possível com as maneiras, os hábitos, e a educação da pessoa com quem falamos, ainda que nisso faltemos às boas maneiras ou à etiqueta, que são a cultura exterior.

(Fernando Pessoa. *A língua portuguesa*, 1999. Adaptado.)

20. (Unifesp 2015) Assinale a alternativa cujo enunciado atende à norma-padrão da língua portuguesa.

a) Durante a leitura do livro, surgiram várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causou muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.

b) Durante a leitura do livro, ficou várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que causou muita polêmica, mostrou a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.

c) Durante a leitura do livro, houve várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causou muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.

d) Durante a leitura do livro, ficaram várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que causou muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.

e) Durante a leitura do livro, houveram várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causou muita polêmica, mostrou a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema para responder a(s) questão(ões).

Mau despertar

Saio do sono como
de uma batalha
travada em
lugar algum
Não sei na madrugada
se estou ferido
se o corpo
tenho
riscado
de hematomas
Zonzo lavo

na pia
os olhos donde
ainda escorrem
uns restos de treva

(Ferreira Gullar. *Muitas vozes*, 2013.)

21. (Unifesp 2015) Assinale a alternativa em que a reescrita dos versos altera o sentido original do texto.

- a) “Não sei na madrugada / se estou ferido” → não sei se ferido estou na madrugada
- b) “se o corpo / tenho / riscado / de hematomas” → se de hematomas tenho o corpo riscado
- c) “ainda escorrem / uns restos de treva” → uns restos de treva escorrem ainda
- d) “travada em / lugar algum” → travada em algum lugar
- e) “Saio do sono como / de uma batalha” → do sono saio como de uma batalha

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia o texto para responder a(s) questão(ões).

Você conseguiria ficar 99 dias sem o *Facebook*?

Uma organização não governamental holandesa está propondo um desafio que muitos poderão considerar impossível: ¹ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no *Facebook*. O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe da rede social.

O projeto também é uma resposta aos experimentos psicológicos realizados pelo próprio *Facebook*. A diferença neste caso é que o teste é completamente voluntário.

Ironicamente, para poder participar, o usuário deve trocar a foto do perfil no *Facebook* e postar um contador na rede social.

Os pesquisadores irão avaliar o grau de satisfação e felicidade dos participantes no 33º dia, no 66º e no último dia da abstinência.

Os responsáveis apontam que os usuários do *Facebook* gastam em média 17 minutos por dia na rede social. Em 99 dias sem acesso, a soma média seria equivalente a mais de 28 horas, ²que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”.

(<http://codigofonte.uol.com.br>. Adaptado.)

22. (Unifesp 2015) Considere o enunciado a seguir:

[...] ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no *Facebook*. (ref. 1)

[...] que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”. (ref. 2)

Nos dois trechos, utilizam-se as aspas, respectivamente, para

- a) indicar o sentido metafórico e marcar a fala coloquial.
- b) enfatizar o discurso direto e marcar uma citação.
- c) marcar o sentido pejorativo e enfatizar o sentido metafórico.
- d) assinalar a ironia e indicar a fala de uma pessoa.
- e) realçar o sentido do substantivo e indicar uma transcrição.

23. (Unifesp 2015) Examine as passagens do primeiro parágrafo do texto:

“**Uma** organização não governamental holandesa está propondo um desafio”

“O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe **da** rede social.”

A utilização dos artigos destacados justifica-se em razão

- a) da retomada de informações que podem ser facilmente depreendidas pelo contexto, sendo ambas equivalentes semanticamente.

- b) de informações conhecidas, nas duas ocorrências, sendo possível a troca dos artigos nos enunciados, pois isso não alteraria o sentido do texto.
- c) da generalização, no primeiro caso, com a introdução de informação conhecida, e da especificação, no segundo, com informação nova.
- d) da introdução de uma informação nova, no primeiro caso, e da retomada de uma informação já conhecida, no segundo.
- e) de informações novas, nas duas ocorrências, motivo pelo qual são introduzidas de forma mais generalizada.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia o texto para responder a(s) questão(ões).

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, no entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos: nada podendo já esperar e coisa alguma desejando – ¹eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência. Talvez não me acreditem. ²Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa. O meu interesse hoje em gritar que não assassinei Ricardo de Loureiro é nulo. Não tenho família; não preciso que me reabilitem. Mesmo quem esteve dez anos preso, nunca se reabilita. A verdade simples é esta.

E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: “Mas por que não fez a sua confissão quando era tempo? Por que não demonstrou a sua inocência ao tribunal?”, a esses responderei: – A minha defesa era impossível. Ninguém me acreditaria. E fora inútil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido... Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vira envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro – um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ânsia foi, pois, de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.

De resto, o meu processo foi rápido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente... E todas as simpatias estavam do meu lado.

O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um “crime passionnal”. *Cherchez la femme**. Depois, a vítima, um poeta – um artista. A mulher romantizara-se desaparecendo. Eu era um herói, no fim de contas. ³E um herói com seus laivos de mistério, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes. E a minha pena foi curta.

Ah! foi bem curta – sobretudo para mim... Esses dez anos esvoaram-se-me como dez meses. É que, em realidade, as horas não podem mais ter ação sobre aqueles que viveram um instante que focou toda a sua vida. Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer. Vibradas as sensações máximas, ⁴nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os *mortos-vivos*, ou – apenas – os *desencantados* que, muitas vezes, acabam no suicídio.

* *Cherchez la femme*: Procurem a mulher.

(Mário de Sá-Carneiro. *A confissão de Lúcio*, 2011.)

24. (Unifesp 2015) Quando se quer chamar atenção para o Objeto Direto que precede o verbo, costuma-se repeti-lo. É o que se chama Objeto Direto Pleonástico, em cuja constituição entra sempre um pronome pessoal átono.

(Celso Cunha e Lindley Cintra. *Nova gramática do português contemporâneo*, 2000.)

Verifica-se a ocorrência de objeto direto pleonástico em:

- a) “As que o viveram ou são, como eu, os *mortos-vivos*, ou – apenas – os *desencantados*”
- b) “Esses dez anos esvoaram-se-me como dez meses.”
- c) “Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes.”

- d) “Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem.”
e) “Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer.”

25. (Unifesp 2015) Observe as passagens do texto:

- “**Decerto** que não me acreditam.” (ref. 2)
“E um herói com seus **laivos** de mistério” (ref. 3)
“nada já nos fará **oscilar**.” (ref. 4)

No contexto em que estão empregados, os termos em destaque significam, respectivamente,

- a) ocasionalmente – vestígios – transformar.
b) possivelmente – marcas – afastar.
c) eventualmente – características – mudar.
d) imperiosamente – tipos – descobrir.
e) certamente – indícios – variar.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder a(s) questão(ões), leia as opiniões em relação ao projeto de adaptação que visa facilitar obras de Machado de Assis.

TEXTO 1

Isso é um assassinato e eu endosso. A autora [da adaptação] quer que a Academia se manifeste. Para ela, vai ser a glória. Mas vários acadêmicos se manifestaram. Eu me manifestei. Há temas em que a instituição não pode se baratear. Essa mulher quer que nós tenhamos essa discussão como se ela estivesse propondo a ressurreição eterna de Machado de Assis, como se ele dependesse dela. Confio na vigilância da sociedade. Vamos para a rua protestar.

(Nélida Piñon. <http://entretenimento.uol.com.br>)

TEXTO 2

É melhor que o sujeito comece a ler através de uma adaptação bem feita de um clássico do que seja obrigado a ler um texto ilegível e incompreensível segundo a linguagem e os parâmetros culturais atuais. Depois que leu a adaptação, ele pode pegar o gosto, entrar no processo de leitura e eventualmente se interessar por ler o Machado no original. Agora, dar uma machadada em um moleque que tem PS3, Xbox, 1000 canais a cabo e toda a internet à disposição é simplesmente burrice.

(Ronaldo Bressane. <http://entretenimento.uol.com.br>)

TEXTO 3

Não defenderia, jamais, que Secco [autora da adaptação] fosse impedida de realizar seu projeto, mas não me parece que a proposta devesse merecer apoio do Ministério da Cultura e ser realizada com a ajuda de leis que, afinal, transferem impostos para a cultura. Trata-se, na melhor das hipóteses, de ingenuidade; na pior, de excesso de “sagacidade”. Não será a adulteração de obras, para torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes, que irá resolver o problema do acesso a textos literários históricos – mesmo porque, adulterados, já terão deixado de ser o que eram.

(Marcos Augusto Gonçalves. <http://www.folha.uol.com.br>)

26. (Unifesp 2015) Examine os enunciados:

“Vamos **para** a rua protestar.” (Texto 1)

“Não será a adulteração de obras, **para** torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes” (Texto 3)

O termo “para”, em destaque nos enunciados, expressa, respectivamente, sentido de

- a) movimento e finalidade.
- b) modo e conformidade.
- c) tempo e comparação.
- d) movimento e comparação.
- e) conformidade e finalidade.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do conto “O mandarim”, de Eça de Queirós, para responder a(s) questão(ões).

Então começou a minha vida de milionário. Deixei bem depressa a casa de Madame Marques – ¹que, desde que me sabia rico, me tratava todos os dias a arroz-doce, ²e ela mesma me servia, com o seu vestido de seda dos domingos. Comprei, habitei o palacete amarelo, ao Loreto: as magnificências da minha instalação são bem conhecidas pelas gravuras indiscretas da *Ilustração Francesa*. Tornou-se famoso na Europa o meu leito, de um gosto exuberante e bárbaro, com a barra recoberta de lâminas de ouro lavrado e cortinado de um raro brocado negro onde ondeiam, bordados a pérolas, versos eróticos de Catulo; uma lâmpada, suspensa no interior, ⁵derrama ali a claridade láctea e amorosa de um luar de Verão.

[...]

Entretanto Lisboa rojava-se aos meus pés. O pátio do palacete estava constantemente invadido por uma turba: ³olhando-a enfasiado das janelas da galeria, eu via lá branquejar os peitinhos da Aristocracia, negrejar a sotaina do Clero, e luzir o suor da Plebe: todos vinham suplicar, de lábio abjeto, a honra do meu sorriso e uma participação no meu ouro. Às vezes consentia em receber algum velho de título histórico: – ele adiantava-se pela sala, quase roçando o tapete com os cabelos brancos, tartamudeando adulações; e imediatamente, espalmado sobre o peito a mão de fortes veias onde corria um sangue de três séculos, oferecia-me uma filha bem-amada para esposa ou para concubina.

Todos os cidadãos me traziam presentes como a um ídolo sobre o altar – uns odes votivas, outros o meu monograma bordado a cabelo, alguns chinelas ou boquilhas, cada um a sua consciência. Se o meu olhar amortecido fixava, por acaso, na rua, uma mulher – ⁴era logo ao outro dia uma carta em que a criatura, esposa ou prostituta, me ofertava a sua nudez, o seu amor, e todas as complacências da lascívia.

Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjetivos dignos da minha grandeza; fui o *sublime Sr. Teodoro*, cheguei a ser o *celeste Sr. Teodoro*; então, desvairada, a *Gazeta das Locais* chamou-me o *extraceleste Sr. Teodoro*! Diante de mim, nenhuma cabeça ficou jamais coberta – ou usasse a coroa ou o coco. Todos os dias me era oferecida uma presidência de Ministério ou uma direção de confraria. Recusei sempre, com nojo.

(Eça de Queirós. *O mandarim*, s/d.)

27. (Unifesp 2015) Assinale a alternativa que apresenta uma correta análise de passagem do texto.

- a) Em “que, **desde que** me sabia rico, me tratava todos os dias a arroz-doce” (ref. 1), a locução conjuntiva em destaque estabelece relação de tempo entre as orações.
- b) Em “e ela **mesma** me servia, com o seu vestido de seda dos domingos” (ref. 2) o termo em destaque pode ser substituído por “mesmo”, sem prejuízo de sentido ao texto.
- c) Em “olhando-**a** enfasiado das janelas da galeria” (ref. 3), o pronome em destaque recupera o substantivo “Lisboa”.
- d) Em “era logo ao outro dia uma carta **em que** a criatura ” (ref. 4), a expressão em destaque pode ser substituída, de acordo com a norma-padrão, por “cuja”.
- e) Em “derrama **ali** a claridade láctea e amorosa de um luar de Verão” (ref. 5), o advérbio em destaque recupera a expressão “versos eróticos de Catulo”.

28. (Unifesp 2014)

HAGAR DIK BROWNE



(Folha de S. Paulo, 17.08.2013. Adaptado.)

Mantida a norma-padrão da língua portuguesa, a frase que preenche corretamente o segundo balão é:

- Todos os dragões o tem.
- Todos os dragões têm isso.
- Os dragões todos lhe tem.
- Sempre se encontra dragões com isso.
- Sofre disso todos os dragões.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Casimiro de Abreu pertence à geração dos poetas que morreram prematuramente, na casa dos vinte anos, como Álvares de Azevedo e outros, acometidos do “mal” byroniano. Sua poesia, reflexo autobiográfico dos transe, imaginários e verídicos, que lhe agitaram a curta existência, centra-se em dois temas fundamentais: a saudade e o lirismo amoroso. Graças a tal fundo de juvenilidade e timidez, sua poesia saudosista guarda um não sei quê de infantil.

(Massaud Moisés. *A literatura brasileira através dos textos*, 2004. Adaptado.)

29. (Unifesp 2014) Os substantivos do texto derivados pelo mesmo processo de formação de palavras são:

- juvenilidade e timidez.
- geração e byroniano.
- reflexo e imaginários.
- prematuramente e autobiográfico.
- saudade e infantil.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia o soneto de Cláudio Manuel da Costa para responder à(s) questão(ões).

*Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.*

*Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!*

*Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.*

Eu me engano: a região esta não era;

*Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!*

(Obras, 1996.)

30. (Unifesp 2014) Nesse soneto, são comuns as inversões, como se vê no verso – *Quanto pode dos anos o progresso!* – que, em ordem direta, assume a seguinte redação:

- a) Quanto dos anos o progresso pode!
- b) O progresso quanto pode dos anos!
- c) Pode quanto dos anos o progresso!
- d) Quanto o progresso dos anos pode!
- e) Pode quanto o progresso dos anos!

31. (Unifesp 2014) No contexto em que estão empregados, os termos *sítio* (1.º verso), *tímido* (4.º verso) e *perpétua* (10.º verso) significam, respectivamente,

- a) acampamento, imaturo e permanente.
- b) campo, fraco e imprescindível.
- c) fazenda, obscuro e frequente.
- d) lugar, receoso e eterna.
- e) imediação, inseguro e duradoura.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O melro veio com efeito às três horas. Luísa estava na sala, ao piano.

– Está ali o sujeito do costume – foi dizer Juliana.

Luísa voltou-se corada, escandalizada da expressão:

– Ah! meu primo Basílio? Mande entrar.

E chamando-a:

– Ouça, se vier o Sr. Sebastião, ou alguém, que entre.

Era o primo! O sujeito, as suas visitas perderam de repente para ela todo o interesse picante. A sua malícia cheia, enfunada até aí, caiu, engelhou-se como uma vela a que falta o vento. Ora, adeus! Era o primo!

Subiu à cozinha, devagar, — lograda.

– Temos grande novidade, Sra. Joana! O tal peralta é primo. Diz que é o primo Basílio.

E com um risinho:

– É o Basílio! Ora o Basílio! Sai-nos primo à última hora! O diabo tem graça!

– Então que havia de o homem ser se não parente? – observou Joana.

Juliana não respondeu. Quis saber se estava o ferro pronto, que tinha uma carga de roupa para passar! E sentou-se à janela, esperando. O céu baixo e pardo pesava, carregado de eletricidade; às vezes uma aragem súbita e fina punha nas folhagens dos quintais um arrepio trêmulo.

– É o primo! – refletia ela. – E só vem então quando o marido se vai. Boa! E fica-se toda no ar quando ele sai; e é roupa-branca e mais roupa-branca, e roupão novo, e tipoia para o passeio, e suspiros e olheiras!

Boa bêbeda! Tudo fica na família!

Os olhos luziam-lhe. Já se não sentia tão lograda. Havia ali muito “para ver e para escutar”. E o ferro estava pronto?

Mas a campainha, embaixo, tocou.

(Eça de Queirós. *O primo Basílio*, 1993.)

32. (Unifesp 2014) O trecho do texto reescrito sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical encontra-se em:

- a) – Ouça, caso vêm o Sr. Sebastião, ou alguém, que entre. (6.º parágrafo)
- b) E sentou-se na janela enquanto esperava. (13.º parágrafo)
- c) – Ah! meu primo Basílio? Mande-lhe entrar. (4.º parágrafo)
- d) [...] engelhou-se tal como uma vela para a qual faltasse o vento. (7.º parágrafo)
- e) Os olhos luziam para Juliana. (15.º parágrafo)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Pegamos os nossos 24.253 km de fronteiras e os esticamos em uma linha reta. Assim, fica possível entender o que acontece em cada canto desse Brasilzão: ____ invasões de terra, ____ de drogas e cenários de tirar o fôlego.

(<http://super.abril.com.br>. Adaptado.)

33. (Unifesp 2014) As lacunas do texto são preenchidas, correta e respectivamente, por:

- ocorre – tráfico.
- há – tráfico.
- existe – tráfico.
- se vê – tráfico.
- acontece – tráfico.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Poetas e tipógrafos

Vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico por causa de sua crônica dor de cabeça. Ele lhe receitou exercícios físicos, para “canalizar a tensão”. João Cabral seguiu o conselho.

Comprou uma prensa manual e passou a produzir à mão, domesticamente, os próprios livros e os dos amigos. E, com tal “ginástica poética”, como a chamava, tornou-se essa ave rara e fascinante: um editor artesanal.

Um livro recém-lançado, “Editores Artesanais Brasileiros”, de Gisela Creni, conta a história de João Cabral e de outros sonhadores que, desde os anos 50, enriqueceram a cultura brasileira a partir de seu quarto dos fundos ou de um galpão no quintal.

O editor artesanal dispõe de uma minitipografia e faz tudo: escolhe a tipologia, compõe o texto, diagrama-o, produz as ilustrações, tira provas, revisa, compra o papel e imprime – em folhas soltas, não costuradas – 100 ou 200 lindos exemplares de um livrinho que, se não fosse por ele, nunca seria publicado. Daí, distribui-os aos subscritores (amigos que se comprometeram a comprar um exemplar). O resto, dá ao autor. Os livreiros não querem nem saber.

Foi assim que nasceram, em pequenos livros, poemas de – acredite ou não – João Cabral, Manuel Bandeira, Drummond, Cecília Meireles, Joaquim Cardozo, Vinicius de Moraes, Lêdo Ivo, Paulo Mendes Campos, Jorge de Lima e até o conto “Com o Vaqueiro Mariano” (1952), de Guimarães Rosa.

E de Donne, Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud, Mallarmé, Keats, Rilke, Eliot, Lorca, Cummings e outros, traduzidos por amor.

João Cabral não se curou da dor de cabeça, mas valeu.

(Ruy Castro. *Folha de S.Paulo*, 17.08.2013. Adaptado.)

34. (Unifesp 2014) Na passagem – *O editor artesanal dispõe de uma minitipografia e faz tudo: escolhe a tipologia, **compõe o texto, diagrama-o, produz as ilustrações** –*, se a expressão *editor artesanal* for para o

plural, a sequência em destaque assume a seguinte redação, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa:

- a) compõe o texto, diagrama-no, produz as ilustrações.
- b) compõem o texto, diagrama-lo, produz as ilustrações.
- c) compõem o texto, diagramam-no, produzem as ilustrações.
- d) compõe o texto, diagramam-o, produzem as ilustrações.
- e) compõem o texto, diagramam ele, produz as ilustrações.

35. (Unifesp 2014) Na oração – *como a chamava* – (1.º parágrafo), o pronome retoma:

- a) *ave rara e fascinante*.
- b) *tensão*.
- c) *ginástica poética*.
- d) *crônica dor de cabeça*.
- e) *prensa manual*.

36. (Unifesp 2014) Assinale a alternativa em que se analisa corretamente o fato linguístico do texto.

- a) No trecho – *O resto, dá ao autor*. – (3.º parágrafo), a vírgula está indevidamente empregada, pois não se separam termos imediatos, no caso, sujeito e verbo da oração.
- b) No trecho – *João Cabral não se curou da dor de cabeça, mas valeu*. – (5.º parágrafo), o verbo *valer* está flexionado, concordando com a expressão *João Cabral*.
- c) No trecho – *enriqueceram a cultura brasileira a partir de seu quarto* – (2.º parágrafo), o pronome em destaque refere-se ao poeta João Cabral de Melo Neto.
- d) No trecho – *Comprou uma prensa manual e passou a produzir à mão* – (1.º parágrafo), a expressão em destaque indica circunstância de conformidade.
- e) No trecho – *100 ou 200 lindos exemplares de um livrinho* – (3.º parágrafo), o diminutivo do substantivo em destaque carrega-o de conotação afetiva.

37. (Unifesp 2014) *Vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico por causa de sua crônica dor de cabeça.*

O trecho pode ser reescrito, sem prejuízo de sentido ao texto, por:

- a) Vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, tão logo sentiu sua crônica dor de cabeça, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico.
- b) Vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, como sentia dor de cabeça crônica, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico.
- c) Embora fosse vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico sentindo crônica dor de cabeça.
- d) Por ser vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico com crônica dor de cabeça.
- e) Vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico, mas era vítima de uma crônica dor de cabeça.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O nada que é

*Um canavial tem a extensão
ante a qual todo metro é vão.*

*Tem o escancarado do mar
que existe para desafiar*

*que números e seus afins
possam prendê-lo nos seus sins.*

*Ante um canavial a medida
métrica é de todo esquecida,*

*porque embora todo povoado
povoa-o o pleno anonimato*

*que dá esse efeito singular:
de um nada prenhe como o mar.*

(João Cabral de Melo Neto. *Museu de tudo e depois*, 1988.)

38. (Unifesp 2014) No título do poema – *O nada que é* –, ocorre a substantivação do pronome *nada*. Esse processo de formação de palavras também se verifica em:

- A arquitetura do poema em João Cabral define-**lhe** o processo de criação.
- A poética de João Cabral assume traços do Barroco **gongórico**.
- Poema **algum** de João Cabral escapa de seu processo rigoroso de composição.
- Em *Morte e Vida Severina*, João Cabral expressa o homem como **coisa**.
- A poesia de João Cabral tem um **quê** de despoetização.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A sensível

Foi então que ela atravessou uma crise que nada parecia ter a ver com sua vida: uma crise de profunda piedade. A cabeça tão limitada, tão bem penteada, mal podia suportar perdoar tanto. Não podia olhar o rosto de um tenor enquanto este cantava alegre – virava para o lado o rosto magoado, insuportável, por piedade, não suportando a glória do cantor. Na rua de repente comprimia o peito com as mãos enluvadas – assaltada de perdão. Sofria sem recompensa, sem mesmo a simpatia por si própria.

Essa mesma senhora, que sofreu de sensibilidade como de doença, escolheu um domingo em que o marido viajava para procurar a bordadeira. Era mais um passeio que uma necessidade. Isso ela sempre soubera: passear. Como se ainda fosse a menina que passeia na calçada. Sobretudo passeava muito quando “sentia” que o marido a enganava. Assim foi procurar a bordadeira, no domingo de manhã. Desceu uma rua cheia de lama, de galinhas e de crianças nuas – aonde fora se meter! A bordadeira, na casa cheia de filhos com cara de fome, o marido tuberculoso – a bordadeira recusou- se a bordar a toalha porque não gostava de fazer ponto de cruz! Saiu afrontada e perplexa. “Sentia-se” tão suja pelo calor da manhã, e um de seus prazeres era pensar que sempre, desde pequena, fora muito limpa. Em casa almoçou sozinha, deitou-se no quarto meio escurecido, cheia de sentimentos maduros e sem amargura. Oh pelo menos uma vez não “sentia” nada. Senão talvez a perplexidade diante da liberdade da bordadeira pobre. Senão talvez um sentimento de espera. A liberdade.

(Clarice Lispector. *Os melhores contos de Clarice Lispector*, 1996.)

39. (Unifesp 2014) A alternativa em que o enunciado está de acordo com a norma- padrão da língua portuguesa e coerente com o sentido do texto é:

- A senhora, pensando na recusa da bordadeira, não sabia se a perdoaria, mas achava melhor esquecer daquilo.
- Ao descer pela rua cheia de lama, a senhora se perguntava aonde é que estava, confusa no lugar que caminhava.
- Era comum de que a senhora, distraída com sua sensibilidade, fosse roubada, o que lhe fazia levar as mãos ao peito em sinal de inquietação.
- A senhora, quando se dispôs a ir à bordadeira, esperava que esta não lhe recusasse o trabalho solicitado.
- A senhora gostava muito de passear, embora tivesse ainda a impressão que era menina passeando pela calçada.

40. (Unifesp 2013) Examine a tira.



(Folha de S.Paulo, 26.12.2011.)

O efeito de humor na situação apresentada decorre do fato de a personagem, no segundo quadrinho, considerar que “carinho” e “caro” sejam vocábulos

- derivados de um mesmo verbo.
- híbridos.
- derivados de vocábulos distintos.
- cognatos.
- formados por composição.

41. (Unifesp 2013) *O Hatha yoga pradipika, sagrada escritura do hatha yoga, escrita no século 15 da era atual, diz que, antes de nos aventurarmos na prática de austeridade e códigos morais, devemos nos preparar. Autocontrole e disciplina sem preparação adequada _____ criar mais problemas mentais e de personalidade do que paz de espírito. A beleza dessa escritura é que ela resolve o grande problema que todo iniciante enfrenta: dominar a mente.*

Devido _____ abordagem corporal, o hatha yoga ficou conhecido – de modo equivocado – como uma categoria de ioga _____ trabalha apenas as valências físicas (força, flexibilidade, resistência, equilíbrio e outras), quase como ginástica oriental. Isso não é verdade.

(Ciência Hoje, julho de 2012. Adaptado.)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com

- pode – a essa – aonde.
- podem – a essa – que.
- pode – à essa – o qual.
- podem – essa – com que.
- pode – essa – onde.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema *O constante diálogo*, de Carlos Drummond de Andrade.

Há tantos diálogos

*Diálogo com o ser amado
o semelhante
o diferente
o indiferente
o oposto
o adversário
o surdo-mudo
o possesso
o irracional
o vegetal
o mineral
o inominado*

Diálogo consigo mesmo

com a noite
os astros
os mortos
as ideias
o sonho
o passado
o mais que futuro

Escolhe teu diálogo
e
tua melhor palavra
ou
teu melhor silêncio
Mesmo no silêncio e com o silêncio
dialogamos.

(Carlos Drummond de Andrade. *Discurso de primavera e algumas sombras*, 1977.)

42. (Unifesp 2013) Leia.

Escolhe teu diálogo
e
tua melhor palavra
ou
teu melhor silêncio
Mesmo no silêncio e com o silêncio
dialogamos.

Nesses versos da última estrofe do poema, o sentido com que se emprega o imperativo afirmativo e a circunstância expressa pelas expressões “no silêncio” e “com o silêncio” são, respectivamente:

- a) sugestão e modo.
- b) sarcasmo e consequência.
- c) advertência e lugar.
- d) orientação e causa.
- e) ordem e movimento.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

O silêncio é a matéria significativa por excelência, um continuum significante. O real da comunicação é o silêncio. E como o nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso.

O homem está “condenado” a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico.

Numa certa perspectiva, a dominante nos estudos dos signos, se produz uma sobreposição entre linguagem (verbal e não-verbal) e significação.

Disso decorreu um recobrimento dessas duas noções, resultando uma redução pela qual qualquer matéria significativa fala, isto é, é remetida à linguagem (sobretudo verbal) para que lhe seja atribuído sentido.

Nessa mesma direção, coloca-se o “império do verbal” em nossas formas sociais: traduz-se o silêncio em palavras. Vê-se assim o silêncio como linguagem e perde-se sua especificidade, enquanto matéria significativa distinta da linguagem.

(Eni Orlandi. *As formas do silêncio*, 1997.)

43. (Unifesp 2013) No segundo parágrafo do texto, empregam-se as aspas no termo “condenado” para

- a) atribuir-lhe um segundo sentido, equivalente a culpado.
- b) reforçar-lhe o sentido contextual, equivalente a predestinado.

- c) marcá-lo com sentido conotativo, equivalente a reprovável.
- d) enfatizar-lhe o sentido denotativo, equivalente a desgraçado.
- e) destituí-lo do sentido literal, equivalente a buliçoso.

44. (Unifesp 2013) Na oração do 4º parágrafo – [...] *para que lhe seja atribuído sentido.* –, o pronome “lhe” substitui a expressão

- a) um recobrimento.
- b) uma redução.
- c) linguagem e significação.
- d) qualquer matéria significante.
- e) o silêncio.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Do chuchu ao xixi

A concessionária Orla Rio subiu em 50%, de R\$ 1 para R\$ 1,50, o uso do banheiro público e de 60 para 65 anos o privilégio da gratuidade.

A idade foi elevada com base em lei estadual de 2002, um ano antes de o Estatuto do Idoso (2003) favorecer pessoas “com idade igual ou superior a 60 anos”.

Se o mal está feito, os economistas devem agora se preocupar com o choque do preço do uso do banheiro público na meta da inflação.

Em 1977, rimos quando a ditadura culpou o chuchu. Não seria o caso de rir, na democracia, do impacto do xixi no custo de vida?

(CartaCapital, 27.06.2012.)

45. (Unifesp 2013) A relação de sentido entre “ditadura” e “democracia”, estabelecida no último parágrafo do texto, também ocorre na seguinte passagem, extraída do jornal *Folha de S.Paulo*, de 11.09.2012:

- a) *Alguns fatos empolgavam o país até outro dia. A volta do crescimento econômico, a descoberta do pré-sal, o desvencilhamento dos credores estrangeiros e a criação dos Brics animaram o espírito nacional.*
- b) *Levantamento feito por esta Folha em todos os Estados do país mostrou que a Lei da Ficha Limpa barrou, até agora, 317 candidatos entre os 15.551 que disputam as prefeituras brasileiras.*
- c) *“O dinheiro perdeu sua qualidade narrativa, tal como aconteceu com a pintura antes. O dinheiro agora fala sozinho.”*
- d) *A evasão nas graduações em engenharia, assinalam os professores, é alta demais. Só um quinto a um quarto dos ingressantes termina por formar-se – segundo os autores, porque lhes faltam noções básicas de matemática, que deveriam adquirir no ensino médio.*
- e) *“Até nas flores se encontra a diferença da sorte: umas enfeitam a vida, outras enfeitam a morte.” Esse poema se aprendia nas escolas do passado. Hoje, a diferença da sorte atinge até mesmo os partidos políticos, que podem ser resumidos em situação e oposição.*

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo. Em um sarau todo o mundo tem que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de champagne na mão, os mais intrincados negócios; todos murmuram, e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuetes e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento: aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos, por entre os quais surge, às vezes, um bravíssimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida no écarté, mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente, desafinando um suspenso; daí a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que conversam sempre sobre objetos inocentes que movem olhaduras e risadinhas apreciáveis. Outras criticam de uma gorducha vovó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de doces que veio para o chá, e que ela leva aos pequenos que, diz, lhe ficaram em

casa. Ali vê-se um ataviado dandy que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá, que senta-se ao lado. Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque, para alguns é regra, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos.

E o mais é que nós estamos num sarau. Inúmeros batéis conduziram da corte para a ilha de... senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidades; alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto.

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam para ver qual delas vence em graças, encantos e donaires, certo sobrepuxa a travessa Moreninha, princesa daquela festa.

(Joaquim Manuel de Macedo. *A Moreninha*, 1997.)

46. (Unifesp 2013) Assinale a alternativa em que a eliminação do pronome em destaque implica, contextualmente, mudança do sujeito do verbo.

- a) *Ali vê-se um ataviado dandy [...].*
- b) *[...] aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos [...].*
- c) *O velho lembra-se dos minuetes e das cantigas do seu tempo [...].*
- d) *[...] mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente [...].*
- e) *[...] daí a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala [...].*

47. (Unifesp 2013) Considerando os papéis desempenhados pelas personagens no texto, é correto afirmar que

- a) o diplomata é oportunista; o velho, conservador; os rapazes usufruem exageradamente os prazeres da vida; e as moças são frívolas.
- b) o diplomata é astuto; o velho, intimista; os rapazes usufruem a vida dentro de suas possibilidades; e as moças vivem de sonhos.
- c) o diplomata é perspicaz; o velho, saudosista; os rapazes usufruem prazerosamente a vida; e as moças encantam a todos.
- d) o diplomata é trapaceiro; o velho, desencantado; os rapazes usufruem a vida de modo fútil; e as moças investem tão-somente na beleza exterior.
- e) o diplomata é esperto; o velho, avançado; os rapazes usufruem a vida com parcimônia; e as moças vivem de devaneios.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

_____ dois meses, a jornalista britânica Rowenna Davis, 25 anos, foi furtada. Só que não levaram sua carteira ou seu carro, mas sua identidade virtual. Um hacker invadiu e tomou conta de seu e-mail e – além de bisbilhotar suas mensagens e ter acesso a seus dados bancários – passou a escrever aos mais de 5 mil contatos de Rowenna dizendo que ela teria sido assaltada em Madri e pedindo ajuda em dinheiro. Quando ela escreveu para seu endereço de e-mail pedindo ao hacker ao menos sua lista de contatos profissionais de volta, Rowenna teve como resposta a cobrança de R\$ 1,4 mil. Ela se negou a pagar, a polícia não fez nada. A jornalista só retomou o controle do e-mail porque um amigo conhecia um funcionário do provedor da conta, que desativou o processo de verificação de senha criado pelo invasor.

(Galileu, dezembro de 2011. Adaptado.)

48. (Unifesp 2013) A lacuna do início do texto deve ser corretamente preenchida com

- a) À.
- b) Há cerca de.
- c) Fazem.
- d) Acerca de.
- e) A.

49. (Unifesp 2013) Assinale a alternativa em que, na reescrita do trecho, houve alteração da classe gramatical da palavra em destaque.

- a) ... mas sua *identidade* virtual. = mas sua *identificação* virtual.

- b) ... *que* desativou o processo de verificação de senha... = ... *o qual* desativou o processo de verificação de senha...
- c) Só que não levaram *sua* carteira... = Só que não levaram a carteira *dela*...
- d) ... a jornalista *britânica* Rowenna Davis, 25 anos, foi furtada. = a *britânica* Rowenna Davis, 25 anos, foi furtada.
- e) ... e ter acesso a seus dados *bancários*... = ... e ter acesso a seus dados *do banco*...

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Quando o falante de uma língua depara um conjunto de duas palavras, intuitivamente é levado a sentir entre elas uma relação sintática, mesmo que estejam fora de um contexto mais esclarecedor.

Assim, além de captar o sentido básico das duas palavras, o receptor atribui-lhes uma gramática – formas e conexões. Isso acontece porque ele traz registrada em sua mente toda a sintaxe, todos os padrões conexionais possíveis em sua língua, o que o torna capaz de reconhecê-los e identificá-los. As duas palavras não estão, para ele, apenas dispostas em ordem linear: estão organizadas em uma ordem estrutural.

A diferença entre ordem estrutural e ordem linear torna-se clara se elas não coincidem, como nesta frase que um aluno criou em aula de redação, quando todos deviam compor um texto para outdoor, sobre uma fotografia da célebre cabra de Picasso: “Beba leite de cabra em pó!”. Como todos rissem, o autor da frase emendou: “Beba leite em pó de cabra!”.

Pior a emenda do que o soneto.

(Flávia de Barros Carone. *Morfossintaxe*, 1986. Adaptado.)

50. (Unifesp 2013) Considere as seguintes passagens do texto:

- [...] *é levado a sentir entre elas uma relação sintática, mesmo que estejam fora de um contexto mais esclarecedor.*
- **Como** todos rissem, o autor da frase emendou [...].

As conjunções destacadas expressam, respectivamente, relação de

- a) alternância e conformidade.
b) conclusão e proporção.
c) concessão e causa.
d) explicação e comparação.
e) adição e consequência.

51. (Unifesp 2013) De acordo com o texto, a ordem estrutural diz respeito à macroestrutura da frase e a ordem linear à manifestação concreta, palavra após palavra, dos constituintes da oração. Assinale a alternativa em que, no par de palavras em destaque, em texto de Paulo Cesarino Costa, publicado na *Folha de S.Paulo* de 02.08.2012, há coincidência entre essas duas ordens.

- a) *Exceto pelo fato de que dividirão, com outras dezenas de esportes, as atenções de TVs e rádios, portais de internet, jornais e revistas nos próximos dias numa **rara disputa**, de onde sairão dois retratos do Brasil.*
- b) *Nas paredes do Instituto Moreira Salles, pode-se ver **diferentes concepções** de fotojornalismo: da beleza pouco comprometida com a veracidade de Jean Manzon à objetividade das imagens de guerra de Luciano Carneiro.*
- c) *Num mundo cada vez mais dominado pela reprodução eletrônica e imagética dos acontecimentos, há uma **interessante oportunidade** de resgatar o momento em que a imagem começou a questionar o poder da palavra.*
- d) *A revista O Cruzeiro seguia a cartilha da revista norte-americana Life, que preconizava “um **novo jornalismo**, no qual as imagens formam o texto e as palavras ilustram as imagens”.*
- e) *Serão 11 estrelas na tela, mas os ministros do STF e suas capas negras pouco têm a ver com os 11 amarelinhos de Mano Menezes na busca do **ouro olímpico**.*

52. (Unifesp 2012) Observe a imagem veiculada na internet



(UOL, 19.05.2011.)

O texto verbal contém uma passagem em desacordo com a norma-padrão da língua portuguesa. Corrija-se essa inadequação com a substituição de

- a) tem por têm.
- b) vitais por vital.
- c) aprenda por aprende.
- d) a por à.
- e) cuidá-lo por cuidar dele.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Chove chuva, chove sem parar

O óbvio, o esperado. Nos últimos dias, o comentário que teimou e bateu ponto em qualquer canto de Curitiba, principalmente nos botecos, foi um só:

– Mas que chuarada, né?

De olho no nível das águas do pequeno riacho que passa junto à mansão da Vila Piroquinha, Natureza Morta procurou o lado bom de tanta chuva ininterrupta.

Concluiu que, pelo excesso de uso, dispositivo sempre operante, o tempo fez a alegria do pessoal que conserta limpador de para-brisa. Desse pessoal e, nem tanto, de quem vende guarda-chuva. Afinal, do jeito que a coisa andava, agravada pelo frio, a freguesia – de maneira compulsória – praticamente desapareceu das ruas.

(Gazeta do Povo, 02.08.2011.)

53. (Unifesp 2012) As expressões no texto utilizadas como equivalentes são

- a) óbvio e comentário (ambas no 1.º parágrafo).
- b) teimou e bateu ponto (ambas no 1.º parágrafo).
- c) sem parar (no título) e ininterrupta (no 3.º parágrafo).
- d) chuarada (no 2.º parágrafo) e águas (no 3.º parágrafo).
- e) pelo excesso de uso e de maneira compulsória (ambas no 4.º parágrafo).

54. (Unifesp 2012) Analise as afirmações, com base na frase – *Mas que chuarada, né?*

I. O termo *chuarada*, conforme o sufixo que o compõe, indica chuva em grande quantidade, da mesma forma como ocorre com os substantivos *paperada* e *criança*.

II. No contexto, o termo *Mas* deve ser entendido como um marcador de oralidade, sem valor adversativo.

III. A frase não é, de fato, uma pergunta, pois traz a constatação de uma situação vivida. Portanto, funciona com valor fático, principalmente.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

Gabarito:**Resposta da questão 1:**

[A]

No segmento “a Europa se comunica com os outros mundos”, o termo verbal é acompanhado do pronome “se” que desempenha função de objeto direto relacionado com o núcleo do sujeito da oração, “Europa”. Assim, é correta a opção [A].

Resposta da questão 2:

[E]

No contexto, o substantivo “tibiaza” adquire valor semântico de *debilidade, fraqueza*, como se afirma em [E].

Resposta da questão 3:

[E]

O pronome relativo “que” exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva restritiva “que representamos”. Nas opções [A], [B], [C] e [D], os termos destacados exercem função de sujeito, sujeito predicativo do sujeito e sujeito, respectivamente. Apenas em [E], a oração subordinada substantiva “até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa” é objeto direto da oração principal.

Resposta da questão 4:

[A]

É correta a opção [A], pois a locução prepositiva “não obstante” pode ser substituída por *contudo, apesar disso*, sem prejuízo para o sentido do texto.

Resposta da questão 5:

[C]

As orações que estão na ordem direta apresentam a seguinte sequência: sujeito + verbo + objeto direto, como ocorre na oração da opção [C].

Resposta da questão 6:

[D]

No discurso direto, o verbo “entrasse” (pretérito imperfeito do subjuntivo) e a locução verbal “tinha visto” (pretérito mais que perfeito composto do indicativo) seriam substituídos pelo imperativo afirmativo (“entre”) e pretérito perfeito do indicativo (“viu”), conforme indicado em [D].

Resposta da questão 7:

[C]

É correta a opção [C], pois, na primeira ocorrência, o termo “a” exerce função morfológica de artigo definido por designar um substantivo (“virtude”) e na segunda, preposição, exigida pela regência do verbo “chegar”.

Resposta da questão 8:

[A]

Apenas a opção [A] contém palavras cujos prefixos indicam repetição e negação, respectivamente: “reabilitadas” (novamente habilitadas) e “**in**finitas” (não finitas).

Resposta da questão 9:

[A]

O pronome “te”, empregado no segundo verso da última estrofe (“já te desprezo”) refere-se anaforicamente ao termo “imaginação”, vocativo seguido do aposto “falsa demente” no primeiro verso: “imaginação, falsa demente/já te desprezo”. Assim, é correta a opção [A].

Resposta da questão 10:

[B]

O trecho “A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado ‘Morte ao rei’ é um mistério” sugere que a satisfação do rei com um jogo que visa sua própria morte é algo difícil de ser explicado, como se afirma em [B].

Resposta da questão 11:

[E]

O discurso direto caracteriza-se pela transcrição exata da fala das personagens, sem participação do narrador e é introduzido por verbos de elocução: dizer, perguntar, responder, comentar, falar, etc. Na transposição da frase, do discurso indireto para o direto, existe necessidade de adequação do tempo verbal (pretérito imperfeito para presente do indicativo), assim como a correspondência de pessoa do discurso do narrador (3ª pessoa) para a fala do grão-vizir (1ª pessoa, “sou”). Assim, é correta a opção [E].

Resposta da questão 12:

[C]

Na ordem direta, a oração deve apresentar a seguinte estrutura: Sujeito + Verbo + Complemento. Assim, é correta a opção [C]: “Deus diz que os homens comem não só o seu povo, senão a sua plebe declaradamente”.

Resposta da questão 13:

[D]

Nas duas ocorrências, o termo “para” estabelece relação de finalidade: na primeira, a intenção de Santo Agostinho em dirigir-se aos homens, fazendo analogia com o comportamento dos peixes: na segunda, a sua própria intenção em dirigir-se aos peixes para enfatizar a crueldade dos homens. Assim, é correta a opção [D].

Resposta da questão 14:

[A]

As aspas foram usadas como recurso gráfico para atribuir a autoria da fala a outrem, que não o produtor do texto, ou seja, reproduzir a solicitação de Francisco Antônio, como assinala a opção [A].

Resposta da questão 15:

[D]

A conjunção subordinativa “porque” apresenta noção de causa, pois explica a razão de o narrador se sentir atingido mortalmente ao tomar consciência da crueldade policial na eliminação do bandido com treze tiros. Assim, é correta a opção [D].

Resposta da questão 16:

[E]

O termo “a” desempenha função morfológica de preposição, pois inicia o objeto indireto da oração principal do período. Assim, é correta a opção [E].

Resposta da questão 17:

[C]

O verbo “matar” é transitivo direto, por isso o pronome “nos” desempenha a função de objeto direto na oração. A mesma função é exercida pelo pronome “esse” precedido de preposição, repetição usada para enfatizar a ideia que o narrador pretende imprimir ao texto.

Resposta da questão 18:

[C]

A oração: *Eu cuido dela* está correta por obedecer a regência do verbo *cuidar*, ou seja, eu cuido de quem? Portanto, o verbo *cuidar* exige a regência da preposição *de*. A segunda oração: *Eu a respeito* também está correta porque o verbo *respeitar* é um transitivo direto que, por sua vez, exige o emprego do oblíquo *a*.

Resposta da questão 19:

[E]

A locução *por que* para indicar um motivo deve vir separada: *a ciência explica por quê*. Além disso, quando a locução antecede um sinal de pontuação deve vir acentuada. Já o vocábulo *autorretrato* depois da nova ortografia deve vir sem hífen e com o 'r' dobrado.

Resposta da questão 20:

[A]

- [A] **Correta.** As orações estão sintática e lexicalmente dentro dos parâmetros exigidos pela norma culta
- [B] *Durante a leitura do livro, ficaram várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que causaram muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.* A concordância verbal está incorreta.
- [C] *Durante a leitura do livro, houve várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causaram muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.* Há problemas de concordância.
- [D] *Durante a leitura do livro, ficaram várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que causaram muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.* Há problemas de concordância.
- [E] *Durante a leitura do livro, houve várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que causaram muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.* Há problemas de concordância.

Resposta da questão 21:

[D]

Trata-se de um interessante fenômeno sintático originado pela colocação pronominal. Na oração: *Travada em lugar algum*, diz-se da batalha que simplesmente não aconteceu. Enquanto *travada em algum lugar* diz-se da batalha que aconteceu em lugar indefinido. Ou seja, o pronome *algum* utilizado no final da oração pode expressar uma negativa de conotação muito forte, enquanto o pronome colocado antes do substantivo pode expressar um lugar indeterminado.

Resposta da questão 22:

[E]

O diminutivo em *olhadinha* realça o sentido de brevidade, de dar uma espiada e as aspas ressaltam esse sentido bem como assinalam uma maneira coloquial de se expressar. E as aspas, na segunda opção, servem para indicar uma citação supostamente baseada nas palavras dos pesquisadores.

Resposta da questão 23:

[D]

Em geral, para uma informação nova, usa-se o artigo indefinido (uma). Por sua vez, o artigo definido é usado quando há uma referência a uma ideia já citada.

Resposta da questão 24:

[D]

Fica mais fácil entender o fenômeno se colocarmos na ordem direta: *Simplesmente, raras são as criaturas que vivem este momento culminante*. O objeto direto pleonástico, segundo as orientações da própria questão, será sempre um pronome pessoal átono, no caso, **o**. *Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem*. *Viver*, neste caso, está sintaticamente posicionado como verbo transitivo direto, conforme verificável na oração na ordem direta, e o pronome átono **o** representa e realça o sentido do objeto direto: *este momento culminante*.

Resposta da questão 25:

[E]

O advérbio *decerto* quer dizer certamente, justamente. O vocábulo *laivo* quer dizer vestígio ou indício. Por fim, a palavra *oscilar* quer dizer alternar de um lado para outro, balançar, de onde se conclui que, por aproximação semântica, quer dizer mudar ou variar.

Resposta da questão 26:

[A]

O sentido do termo **para** é bastante diversificado em português. No primeiro caso, como preposição, rege o verbo **ir**: *vamos para a rua protestar*, ou seja, *vamos para* onde? Portanto, a preposição passa a ideia de movimento. No segundo caso, o **para** assume o sentido de um adjunto adverbial com sentido de finalidade.

Resposta da questão 27:

[A]

[A] Correta. Questão bem elaborada por trabalhar com o uso desta locução de maneira pouco usual que exige do candidato mais entendimento de sentido do que simples memorização. A locução conjuntiva, neste contexto, está com sentido de temporalidade, apesar de, geralmente, *desde que* figurar como locução adverbial concessiva.

[B] Incorreta. Na expressão *ela mesma*, percebe-se a função reflexiva da palavra *mesma*, logo, haverá de concordar em gênero e número com o sujeito a que se refere, ou seja, *ela mesmo* seria uma incorreção.

[C] Incorreta. Em *olhando-a enfastiado*, o termo em destaque refere-se ao termo pejorativo *turba*, não a Lisboa.

[D] Incorreta. O termo *cuja* é um pronome relativo usado para indicar sentido de posse. Já a locução *em que* é usada para indicar um lugar ou um espaço. Portanto, não se pode utilizar dessas expressões para substituírem uma pela outra por serem sintaticamente diferentes.

[E] Incorreta. O advérbio *ali* faz referência ao “leito de gosto exuberante” não aos versos eróticos de Catulo que adornavam o cortinado do exótico ambiente.

Resposta da questão 28:

[B]

As alternativas [A], [C], [D] e [E] apresentam desvios à norma culta da língua portuguesa. Para que isso não acontecesse, deviam ser substituídas por:

[A] Todos os dragões o têm.

[C] Os dragões todos o têm.

[D] Sempre se encontram dragões com isso.

[E] Sofrem disso todos os dragões.

Assim, é correta apenas a alternativa [B].

Resposta da questão 29:

[A]

A única alternativa que contém dois substantivos é a [A], ambos formados por sufixação.

Resposta da questão 30:

[D]

Na ordem direta, a oração apresenta os termos (sujeito, verbo e seus complementos) em disposição sequencial, como na frase da alternativa [D], em o sujeito “o progresso dos anos” precede o termo verbal “pode”.

Resposta da questão 31:

[D]

É correta a alternativa [D], pois, no contexto em que são usados, os termos “sítio”, “tímido” e “perpétua” apresentam valor semântico de *lugar*, *receoso* e *eterna*, respectivamente.

Resposta da questão 32:

[D]

As alternativas [A], [B], [C] e [E] apresentam substituições que prejudicam o sentido original e/ou apresentam desvios à norma culta, pois em:

[A] o termo verbal “vêm” deveria ser substituído por *venha*, já que a conjunção subordinativa condicional rege o presente do subjuntivo;

[B] a preposição “em”, inclusa na expressão “sentou-se **na** janela”, é incorreta, pois sugere que Juliana se sentou em cima da janela. Para conservar o seu sentido original, deveria ser substituída por *sentou-se à janela*;

[C] o verbo “mandar” é transitivo direto, deve ser acompanhado de pronome oblíquo átono com a mesma função, no caso “o” e não “lhe” (*mande-o entrar*);

[E] no trecho original, eram os próprios olhos de Juliana que brilhavam e não outros que brilhavam para ela.

Assim, é correta apenas a alternativa [D].

Resposta da questão 33:

[B]

O termo “invasões” exerce função de sujeito na oração que se encontra em ordem inversa, exigindo concordância com o termo verbal que o antecede, o que não acontece em [A], [C], [D] e [E], que se encontram na terceira pessoa do singular. Apenas em [B], o verbo *haver*, no sentido de *existir*, é impessoal, o que exige esse tipo de concordância. Também o termo adequado para designar *comércio ilegal* e

clandestino é “tráfico” e não “tráfego”, que significa *fluxo ou movimento*. Assim, é correta apenas a alternativa [B].

Resposta da questão 34:

[C]

Se o sujeito da oração estiver no plural, todos os verbos a ele ligados irão também para o plural: *compõem, diagramam, produzem*. O pronome oblíquo “o”, que acompanha o segundo, deve ser precedido de “n”, pois está em situação de ênclise após forma verbal terminada em som nasal: *digramam-no*. Assim, é correta a alternativa [C].

Resposta da questão 35:

[E]

É correta a alternativa [E], pois o pronome oblíquo átono “a” constitui elemento anafórico que remete, metonimicamente, a “prensa manual” (*ele chamava a prensa manual de ginástica poética*).

Resposta da questão 36:

[E]

É correta a alternativa [E], já que o diminutivo demonstra afetividade, o carinho do autor pelos livros artesanais.

Resposta da questão 37:

[B]

Na frase do enunciado, existe relação de causa entre a ida de João Cabral ao médico e a sua crônica dor de cabeça. Nas alternativas [A], [C], e [E], as expressões conjuntivas “tão logo”, “embora” e “mas” expressam noção de tempo, concessão e adversidade, respectivamente, o que prejudica o sentido do texto original. Também em [D], não se conserva o mesmo sentido, já que o fato de João Cabral ter ido ao médico não foi o fato de ele ser vice-cônsul do Brasil, mas sim a dor de cabeça que o atormentava. Assim, apenas [B] é correta.

Resposta da questão 38:

[E]

A derivação imprópria acontece na frase da alternativa [E], pois o termo “quê” está precedido do artigo indefinido “um”, transformando o pronome em substantivo.

Resposta da questão 39:

[D]

As alternativas [A], [B], [C] e [E] apresentam desvios à norma-padrão da língua portuguesa. Para que tal não acontecesse, deveriam ser substituídas por:

[A] *A senhora, pensando na recusa da bordadeira, não sabia se a perdoaria, mas achava melhor esquecer-se daquilo (ou esquecer aquilo).*

[B] *Ao descer pela rua cheia de lama, a senhora se perguntava onde é que estava, confusa no lugar que caminhava.*

[C] *Era comum que a senhora, distraída com sua sensibilidade, fosse roubada, o que lhe fazia levar as mãos ao peito em sinal de inquietação.*

[E] *A senhora gostava muito de passear, embora tivesse ainda a impressão de que era menina passeando pela calçada.*

Assim, é correta apenas a alternativa [D].

Resposta da questão 40:

[D]

No último quadro, a frase da personagem permite inferir que ela considerou “carinho” e “caro” como vocábulos cognatos, ou seja, apresentam um mesmo radical primário (car), pertencendo a uma mesma família de significação: “carinho” apresenta noção de semântica de *afeto*, e caro, *o que é querido, estimado*. Assim, é correta a opção [D].

Resposta da questão 41:

[B]

Na primeira ocorrência, o verbo deve apresentar-se no plural (podem) para concordar com o sujeito composto (“Autocontrole e disciplina sem preparação adequada”). Na segunda, à locução prepositiva “devido a”, não deve ser acrescido o artigo definido “a”, já que o termo regido, o pronome demonstrativo “essa”, não o permite. Na terceira, é correto o uso do pronome relativo “que”, pois estabelece referência com o seu antecedente (“categoria de ioga”). Assim, é correta apenas a opção [B].

Resposta da questão 42:

[A]

No verso “Escolhe teu diálogo”, o eu lírico faz uma sugestão ao leitor, através do modo imperativo do verbo *escolher*, que pode indicar ordem, pedido ou conselho. As expressões “no silêncio” e “com o silêncio” podem ser substituídas pelo advérbio de modo “silenciosamente”. Assim, está correta a afirmativa [A].

Resposta da questão 43:

[B]

No contexto, o termo “condenado” perdeu o significado literal de *culpado e sentenciado com pena* para expressar noção de “predestinado”, como se afirma em [B].

Resposta da questão 44:

[D]

É correta a opção [D], pois a substituição do pronome oblíquo “lhe” pelo trecho “qualquer matéria significante” não altera o sentido original da frase e mantém coerência com a tese da autora: “... *resultando uma redução pela qual qualquer matéria significante fala, isto é, é remetida à linguagem (sobretudo verbal) para que seja atribuído sentido a qualquer matéria significante*”.

Resposta da questão 45:

[E]

É correta a opção [E], pois a relação antitética entre os termos “ditadura” e “democracia”, observa-se também em “vida” vs. “morte”, “passado” vs. “Hoje”, “situação” vs. “oposição”.

Resposta da questão 46:

[A]

Na opção [A], existe uma frase em que a partícula “se” é pronome apassivador de uma oração na voz passiva sintética, sendo “um ataviado dandy”, o seu sujeito. Se o pronome fosse eliminado (*Ali vê um ataviado dandy*), o sujeito passaria a ser elíptico (*ele, ela*) e “ataviado dandy”, o objeto direto do verbo *ver*.

Resposta da questão 47:

[C]

Ao apresentar as personagens que habitualmente frequentavam os saraus da época, o autor destaca a habilidade e esperteza do diplomata em acertar os seus negócios, o prazer dos mais velhos em resgatar as memórias do passado e a satisfação dos rapazes em frequentar espaços luxuosos onde as moças se empenhavam em exibir os seus dotes de beleza e elegância. Assim, é correta a opção [C].

Resposta da questão 48:

[B]

É correta a opção [B], pois, no contexto, o verbo impessoal *haver* é usado para indicar tempo decorrido, podendo ser substituído por *fazer* na terceira pessoa do singular, por se tratar também de um verbo impessoal: *faz dois meses*.

Resposta da questão 49:

[D]

É correta a opção [D], pois, na primeira ocorrência, a palavra “britânica” exerce função morfológica de adjetivo e na segunda, de substantivo, por derivação imprópria.

Resposta da questão 50:

[C]

É correta a opção [C], pois as conjunções “mesmo que” e “como” iniciam orações subordinadas adverbiais, atribuindo-lhes noção de concessão e causa, respectivamente.

Resposta da questão 51:

[E]

A frase da opção [E] sugere que a mediação do julgamento do processo do Mensalão (“Serão 11 estrelas na tela, mas os ministros do STF e suas capas negras”) não atende aos mesmos interesses da divulgação das vitórias em acontecimentos esportivos (“os 11 amarelinhos de Mano Menezes”). Assim, a ordem linear estabelecida pelas palavras em “ouro olímpico” coincide com a macroestrutura da frase, estabelecendo coesão e coerência no seu conjunto.

Resposta da questão 52:

[E]

O verbo “cuidar”, no sentido de *ter cuidados com algo*, é transitivo indireto, sendo seu objeto precedido da preposição “de”. Assim, para atender à norma-padrão da língua portuguesa, a frase “aprenda a cuidá-lo” deveria ser substituída por “aprenda a cuidar dele”, como se indica em [E].

Resposta da questão 53:

[C]

Apenas a opção [C] apresenta termos (“sem parar” e “ininterrupta”) com valor semântico semelhante.

Resposta da questão 54:

[E]

É correta a opção [D], pois assinala que todas as afirmações são verdadeiras.

Resumo das questões selecionadas nesta atividade

Data de elaboração: 18/11/2017 às 21:55

Nome do arquivo: UNIFESP_GRA_VALTER_2017

Legenda:

Q/Prova = número da questão na prova

Q/DB = número da questão no banco de dados do SuperPro®

Q/prova	Q/DB	Grau/Dif.	Matéria	Fonte	Tipo
1	166234	Média	Português	Unifesp/2017	Múltipla escolha
2	166237	Baixa	Português	Unifesp/2017	Múltipla escolha
3	166233	Elevada	Português	Unifesp/2017	Múltipla escolha
4	166235	Baixa	Português	Unifesp/2017	Múltipla escolha
5	166241	Média	Português	Unifesp/2017	Múltipla escolha
6	166245	Elevada	Português	Unifesp/2017	Múltipla escolha
7	166251	Baixa	Português	Unifesp/2017	Múltipla escolha
8	166250	Baixa	Português	Unifesp/2017	Múltipla escolha
9	166259	Elevada	Português	Unifesp/2017	Múltipla escolha
10	152779	Baixa	Português	Unifesp/2016	Múltipla escolha
11	152776	Média	Português	Unifesp/2016	Múltipla escolha
12	152788	Média	Português	Unifesp/2016	Múltipla escolha
13	152787	Baixa	Português	Unifesp/2016	Múltipla escolha
14	152792	Média	Português	Unifesp/2016	Múltipla escolha
15	152802	Baixa	Português	Unifesp/2016	Múltipla escolha
16	152800	Baixa	Português	Unifesp/2016	Múltipla escolha
17	152803	Média	Português	Unifesp/2016	Múltipla escolha
18	136925	Média	Português	Unifesp/2015	Múltipla escolha
19	136919	Baixa	Português	Unifesp/2015	Múltipla escolha
20	136913	Média	Português	Unifesp/2015	Múltipla escolha

21	136918	Elevada	Português	Unifesp/2015	Múltipla escolha
22	136923	Média	Português	Unifesp/2015	Múltipla escolha
23	136922	Média	Português	Unifesp/2015	Múltipla escolha
24	136930	Elevada	Português	Unifesp/2015	Múltipla escolha
25	136929	Média	Português	Unifesp/2015	Múltipla escolha
26	136932	Média	Português	Unifesp/2015	Múltipla escolha
27	136938	Elevada	Português	Unifesp/2015	Múltipla escolha
28	130763	Média	Português	Unifesp/2014	Múltipla escolha
29	130765	Baixa	Português	Unifesp/2014	Múltipla escolha
30	130769	Média	Português	Unifesp/2014	Múltipla escolha
31	130768	Média	Português	Unifesp/2014	Múltipla escolha
32	130775	Elevada	Português	Unifesp/2014	Múltipla escolha
33	130777	Baixa	Português	Unifesp/2014	Múltipla escolha
34	130783	Média	Português	Unifesp/2014	Múltipla escolha
35	130782	Elevada	Português	Unifesp/2014	Múltipla escolha
36	130784	Média	Português	Unifesp/2014	Múltipla escolha
37	130781	Média	Português	Unifesp/2014	Múltipla escolha
38	130788	Média	Português	Unifesp/2014	Múltipla escolha
39	130792	Média	Português	Unifesp/2014	Múltipla escolha
40	123003	Média	Português	Unifesp/2013	Múltipla escolha
41	123013	Média	Português	Unifesp/2013	Múltipla escolha
42	122998	Média	Português	Unifesp/2013	Múltipla escolha
43	123000	Baixa	Português	Unifesp/2013	Múltipla escolha
44	123002	Baixa	Português	Unifesp/2013	Múltipla escolha
45	123008	Média	Português	Unifesp/2013	Múltipla escolha
46	123012	Elevada	Português	Unifesp/2013	Múltipla escolha
47	123011	Média	Português	Unifesp/2013	Múltipla escolha

48	123016	Baixa	Português	Unifesp/2013	Múltipla escolha
49	123018	Baixa	Português	Unifesp/2013	Múltipla escolha
50	123020	Baixa	Português	Unifesp/2013	Múltipla escolha
51	123021	Elevada	Português	Unifesp/2013	Múltipla escolha
52	110011	Média	Português	Unifesp/2012	Múltipla escolha
53	110014	Média	Português	Unifesp/2012	Múltipla escolha
54	110013	Média	Português	Unifesp/2012	Múltipla escolha